



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/egbe-orun>

A morte repentina para o povo Yorùbá, Akudaaya e Egbé Òrun

Maria da Glória Feitosa Freitas ou Yeye Obàluru Obátálá Ilé Ifè[1]

Faseyi Awogbemi Dada/OBáLuru Obàtálá Ilé Ifè[2]

Neste texto os autores falam sobre Egbé Òrun, a comunidade espiritual de todas as pessoas da perspectiva do povo Yorùbá.

A palavra Egbé significa em língua Yorùbá, um grupo/uma sociedade/uma comunidade. Assim como existem comunidades na Terra, segundo a concepção Yorùbá sobre o que acontece no pós-morte, dentro da Religião Tradicional Yorùbá, existe vida após a morte e existem comunidades no òrun (ao nível celestial).

Estas comunidades (Egbé) no òrun são fraternidades de amigos espirituais e familiares espirituais, sendo uma das mais poderosas fraternidades celestiais, composta por pai, mãe, amigo, marido/esposa, entre outros. Egbé Òrun é um assunto complexo, difícil e até misterioso, com tantas questões que parecem não ter respostas para as pessoas mais acostumadas com as religiões surgidas e difundidas da Europa para outros continentes e as religiões abraâmicas (cristãos, judeus e muçulmanos).

Todos têm o seu Egbé Òrun, não importa a etnia, nacionalidade ou religião. Egbé Òrun faz parte do dia a dia de cada pessoa. Uma pessoa pode ter uma relação com seu Egbé Òrun muito intensa e outras não sabem da existência de sua comunidade celestial. Outros podem desconfiar da existência de vida além da morte. Egbé Òrun não é Òrìsà. O Orí e o destino de cada indivíduo não são decididos pelo seu Egbé Òrun.

Elebuibon (2019) cita um dos diversos versos do Odú Òsá Méjì, é um dos 256 odús do Oráculo Divinatório que foi dado ao Orixá da Sabedoria, Orunmila, para ajudar a humanidade a saber sobre o destino:

Òsá méjì

Ìsáhùnsá méjì ni tara won jejeje



Adifá fún ẹgbé aiyé, abù fún t'Ọrun

Bọ̀rọ̀kínín ọrun òníjé kí t'ayé o tẹ

Bòròkínín òrun ẹgbà mí, ta yé n tẹ lo

Tradução:

Dois potes batem um no outro suavemente

Adivinhado para Ẹgbè na terra e no céu

Camarada no céu não permitirá que os da terra sejam envergonhados

Companheiro celestial, venha em meu auxílio, não me deixe ser envergonhado.

Os odus de Ifá são conhecimentos oraculares aprendidos a partir da memorização e os diversos versos são recitados e cantados por ocasião de uma consulta oracular. A autora revela que foi fazer uma consulta e tomou conhecimento daquilo que as religião e cultura yorùbá prezam muito: a vida continua e a verdadeira família e eterna está no Egbé Ọrun:

O Odu acima é um dos muitos Odu Ifa que estabeleceu que Egbé Ọrun realmente existe, que temos relacionamento com eles, por isso pedimos sua ajuda quando estamos em apuros, também mostra que se propiciarmos, nossos companheiros espirituais virão em nosso auxílio e não seremos desonrados.

Para entender completamente o conceito de Egbé Ọrun, vamos olhar para a vida, temos algumas pessoas que achamos atraentes e nos conectamos com elas com facilidade, enquanto alguns relacionamentos com outras pessoas são difíceis.

Algumas pessoas não gostam umas das outras sem justa causa. Tudo isso pode ser dentro da família e quitações. Alguns têm amizade com vínculo tão forte que você pensará que são irmãos, enquanto alguns irmãos são inimigos mortais. Há um ditado na língua iorubá que diz iwa jo iwa ni n je ore jo ore. Isso significa que você tem algum valor compartilhado com alguém ou traços de caráter semelhantes que tornam a amizade boa.

Quando vemos casais, que são tão parecidos e se amam muito, as pessoas dirão que isso é uma combinação feita no céu. Como explicamos todas essas conexões? Usando nossos próprios grupos da sociedade como referência, hoje, temos diferentes associações, haverá sempre um líder e outros membros que detêm títulos e desempenham diferentes funções. Esses grupos têm estatutos; a violação de tais leis pode resultar em



diferentes punições e sanções dependendo do tipo de ofensa. Isso é o mesmo para Egbé Òrun.

À medida que formamos parcerias com outros grupos que compartilham interesses semelhantes, o mesmo token se aplica aos camaradas espirituais, apenas que, Egbé Òrun têm uma marca espiritual nas vidas humanas e podem impactar a vida da pessoa tanto positiva quanto negativamente (ELEBUIBON, 2019, p. 10).[3]

Embora todos nós pertençamos a um específico Egbé Òrun, nem todos os problemas estão relacionados ao nosso Egbé, e nem todos que nascem e morrem e têm comportamentos difíceis são àbíkú ou emèrè – isso significa que nem todos têm contas a acertar com Egbé Òrun.

Todos os seres humanos possuem uma fraternidade no Òrun (Céu), mas poucos estabelecem dívidas com seus companheiros espirituais. Além disso, é importante ressaltar que nem todos os problemas da humanidade estão relacionados com Egbé Òrun.

Uma situação relacionada com destino, nascimento, crianças nascidas para morrer e chamadas de Àbíkú preocupam aos familiares entre o povo Yorùbá e ocupam os sacerdotes iorubás.

“Se uma mulher, em país iorubá, dá a luz uma série de crianças natimortas ou mortas em baixa idade, a tradição reza que não se trata da vinda ao mundo de várias crianças diferentes, mas de diversas aparições do mesmo ser maléfico chamado àbíkú (nascer-morrer) que se julga vir ao mundo por um breve momento para voltar ao país dos mortos, Òrun (o céu), várias vezes. Ele passa assim seu tempo a ir e voltar do céu para o mundo sem jamais permanecer aqui por muito tempo, para grande desespero de seus pais, desejosos de ter numerosos filhos vivos, para assegurar a continuidade da família sobre a terra”.[4]

As noites mal dormidas e os medos de morte prematura de recém-nascidos e crianças pequenas levam os familiares a recorrerem dos saberes de herbalistas e sacerdotes iorubás:

Em país iorubá, os pais, para proteger seus filhos àbíkú e tentar retê-los no mundo, podem se dedicar a certas práticas, tais como fazer incisões (cortes) nas juntas da criança (VI 111 4) e aí esfregar um pó preto, feito de folhas litúrgicas, queimadas para esse fim, ou ainda ligar à cintura da criança um talismã feito desse mesmo pó negro, contido num saquinho de couro (VERGER, 1983, p. 141).

Assim como Pierre Verger, um autor muito lido no Brasil e entre os adeptos das religiões afro-brasileiras, e que foi fotógrafo, antropólogo e etnólogo, nascido em Paris em 1902, falecido em Salvador, cidade do nordeste do Brasil em 1996, percebeu nas suas visitas Yorubaland (nas cidades iorubás) segue sendo desafiante reter entre os familiares uma criança Àbíkú.



A ação protetora buscada nas folhas, expressa nas fórmulas de encantamento, é introduzida no corpo da criança por incisões e fricções, e a parte do pó preto, contida no saquinho do òndè, representa uma mensagem não verbal, uma espécie de apoio material e permanente da mensagem dirigida pelos elementos protetores contra os elementos hostis, sendo essa forma de expressão menos efêmera do que a palavra (VERGER, 1983, P. 143).

Verger, neste artigo publicado em Salvador em 1983 e que retrata as suas andanças e observações nas cidades em que passou na Nigéria, cita diversos os nomes escolhidos para as crianças Àbíkú e com as súplicas que não retornem rápido ao Òrun. Ainda persistem atualmente a prática de fazer uma cerimônia para colocar um nome no recém-nascido, isso acontece no sétimo dia de nascimento, ISOMOLORUKO:

Aiyédun - A vida é doce; Aiyédun, a vida é doce, venha conhecer nossa sociedade; Aiyélagbe - Nós ficamos no mundo; A iyélagbe, não parta, não se vá; Ajéigbe - A riqueza não está perdida; Akisatán - Não se usarão mais farrapos ; Aybrunbò - Vá ao céu e volte; Dúródolú - Espera o Senhor Oboróoríké Dúrosimí - Fica, para me enterrar Fica, para me enterra, não durmas em vão; Dúrosimi Dúrosomo - Fica, para fazer filhos, fica para fazer filhos no mundo, não faça filhos no céu.

O escritor yorùbá, nascido em Abeokuta em 1934, Wole Soyinka, e Prêmio Nobel da Literatura (1986), fez um poema sobre a dor da existência de uma criança Àbíkú:

ÀBÍKÚ

Wole Soyinka

Tradução de Nayara Guércio

Em vão, lançam pulseiras

Encantadas aos meus pés

Abíkú, venho uma

E repetidas vezes.

Não choro por seus búzios

Óleos, amuletos

Em vão são seus esforços

Ao enterrar Àbíkú.

Queime minha carcaça

Ferro quente, marque-me

Note-me em seu selo

Quando Àbíkú voltar.

Sou o dente rachado

O enigma, lembre-se



Enterre-me bem fundo
Na terra da árvore.
Atemporal, mesmo que
Eu vomite, consagres
Oferendas, retorno
Assim como vim, onde.
Chão molhado de luto
De manhã, o orvalho
Cal a noite, a prisão
Moscas mortas no vinho.
Lamparinas da noite
Àbíkú apagou, mães!
Sou a cobra na porta
Seu chamado da morte.
Já madura a fruta
Apodrece, rastejo,
Aninho e aguardo
Renaço nestas gemas.

No Brasil, entre os sacerdotes das religiões afro-brasileiras, foi com o foco nas crianças nascidas com risco de morrer, Àbíkú, que a discussão sobre a concepção após a vida terrena mais apareceu. Falar na continuidade dos laços entre os adultos que vivem até a velhice e suas comunidades no céu é menos frequente e isso é muito importante na Concepção Yorùbá sobre a morte.

Àbíkú: Nasceu para morrer (Àbi: Nasceu e Ikú: Morreu).

Emèrè: Aquele que nasce e traz problemas para a família terrena. Elebuibon (2019) explica a importância de saber mais sobre Egbé Òrun:

Você deve primeiro conhecer e aceitar seu verdadeiro eu, abraçá-lo e então aprender a administrá-lo. Eu vim a me conhecer como Èlẹgbẹ Emere. Meu Ègbẹ reside no rio. Foi-me dito através da Consulta de Ifá para procurar morada perto do rio. Minha filha também vem do meu reino; em seu verdadeiro eu, ela é mais velha em espírito do que eu. Foi revelado que ela me seguiu aqui na Terra para ser minha companheira. O vínculo que compartilhamos não é apenas físico, mãe e filha, mas também espiritual. (ELEBUIBON, 2019, p. 13).



É necessário articular essa existência da comunidade celestial de pertencimento e que nunca se aparta dos seus que vivem temporariamente a experiência de fazer parte da humanidade, aqui na Terra.

Muitas pessoas que não têm autoconsciência causaram problemas para si mesmas e para os outros embora sem que soubessem, por meio de palavras e pensamentos falados, seus companheiros espirituais começaram a lutar por elas sem que elas tivessem consciência da situação que causaram. Na terra iorubá, temos um ditado, *Orí mi le, Orí mi mún ọ*, e que significa 'a minha cabeça (cabeça interior) é retributiva'. Esse ditado se diz quando alguém fez mal a uma pessoa e o ofensor sofreu punição imediata por sua ação.

Além disso, muitas pessoas não conseguiam explorar seu poder espiritual ou qualquer coisa espiritual devido ao regime muito opressivo no mundo pelas religiões modernas e à limitação de informações. O medo de ser rotulado de "bruxa", que tem conotação negativa, agrava o problema e provavelmente nunca desapareceu. Então, comprometer-se era a norma. É uma boa coisa considerar sintonizar-se com seus companheiros espirituais. É importante porque nutrir um relacionamento com seu *Ẹgbẹ* pode ampliar seu progresso e elevar sua vida inteira.

Abandonar os *Egbé Òrun* é abandonar a si mesmo como *Ẹlẹgbẹ*. Podemos dizer aos nossos pais que não (ELEBUIBON, 2019, p. 13).

Um entendimento necessário para compreender este universo significativo de uma vida antes da vida na terra e depois dela é o *orí-inú* relacionado ao nosso destino escolhido no *Òrun* e para o *Òrun* voltaremos, e relacionado nossa cabeça (*Orí*) e a espiritualidade pessoal e a fonte de tudo o que realmente somos:

É o mesmo, mais do que qualquer outra coisa, que determina o resultado de uma pessoa na vida. Como os mitos do corpus de *Ifá* nos dizem, cada pessoa escolhe um *Orí* no céu. Alguns são bons e levam a uma longa vida e prosperidade, enquanto outros acabam em ruínas. Em uma variante do mito, ao sair do céu, cada pessoa se destaca da *Árvore do Esquecimento*, *Igi Igbàgbé*, e declara o destino que ela escolheu para si mesma.

Mas depois de passar por seus ramos, e descendo para o mundo, toda lembrança deste destino está perdida/esquecida. Em todas as versões do mito, *Òrúnmìlà* testemunha sozinho a escolha de *Orí* e é assim chamado *ẹlẹrìí ìpín*, 'a testemunha da escolha (do destino)'. Por esta razão, *Òrúnmìlà* pode ser consultado através da adivinhação para determinar o conteúdo ou os desejos do *Orí*" (OGUNNAIKE, 2015, p.260).[5]

De acordo com a tradição *yorùbá*, existe o destino para a existência terrena e escolhido pelo próprio *ORÍ/Cabeça*: O que seremos, o que faremos e carregando a esperança de que



regressaremos para a nossa comunidade de origem. A extensão de vida é designada por Olòdumarè. O retorno esperado e pactuado será à verdadeira e eterna comunidade, o Egbé Òrun/Comunidade do Céu ou mais apropriadamente do nosso Mundo Espiritual.

Existe vida após a morte, pertencemos a uma Comunidade existente no mundo espiritual. Lá estão as nossas residências, familiares, amigos e a vida para ser vivenciada plenamente. O nome deste lugar é Egbé Òrun (Comunidade do Mundo Espiritual ou Comunidade do Céu). A experiência terrena, até o final dos nossos dias, acontece aqui no Aiyê/aqui na Terra. Aqui no Aiyê é um tempo de executar o plano traçado no Òrun e o mais fielmente possível.

Cada um dos habitantes transitórios desta vida terrena deve seguir um objetivo ininterrupto: seguir com a programação combinada no Òrun. Evitar a morte prematura, não só na infância! Lutar pela vida longa. Fazer consultas oraculares regulares e oferendas pela longevidade! A morte prematura precisa ser evitada. Aqueles que morrem antes do planejado não costumam voltar rápido ao Egbé Òrun.

A condição de Akudaaya (Ghost, fantasma) existe na superfície da Terra. São aqueles que morreram antes do planejado e não regressaram aos seus lares, no plano espiritual, no Egbé Òrun. Aqueles que viveram conforme o que se planejou para o destino terá uma melhor condição até o retorno à sua comunidade espiritual.

O povo Yorùbá costuma fazer oferendas para seus companheiros e familiares no Egbé Òrun. Assim, as dores da momentânea separação entre nós e nossas famílias, lá do Egbé Òrun, do nosso mundo espiritual, são amenizadas. Companheiros do Egbé Òrun podem colaborar espiritualmente com o êxito da nossa passageira jornada na Terra.

Egbé é considerado como o nosso grande salvador. Egbé é um lugar em que vivem amigos e até por existir desafetos. Amigos que nos ajudam com as doenças e com confusões que perturbam as nossas existências terrenas. E sofrimentos podem vir como resultado do nosso esquecimento de nossa comunidade espiritual.

Egbé nos salva ou nos mantém neste universo, faz-nos fortes e com sucesso, envia grandes ideias em nossos sonhos. São aquelas pessoas que aparecem como muito próximas e que gozam da nossa confiança e acordamos nos perguntamos: quem eram aqueles desconhecidos?

Para viver este destino atual e na Terra foi necessário esquecê-los até o momento em que enviam essas mensagens em sonhos ou mesmo no cotidiano. Isso acontece para nos lembrar que podem nos atrapalhar por ciúmes deles e diante da nossa indiferença sobre a existência deles ou trazer apoios inestimáveis para que possamos solucionar problemas terríveis nesta jornada terrena.

Se você alguma vez fala consigo mesmo, age com base na intuição e inspiração, você é um **Ẹlẹgbẹ**.

Se você pode criar a realidade com seu pensamento, você é um **Ẹlẹgbẹ**.

Se você recebe premonição no sonho.

Se você pode fazer previsões precisas.

Se você fica triste sem motivo aparente.

Se você sente vontade de chorar sem sentimentos realmente dolorosos.



Se você ama ter crianças ao seu redor.

Se suas palavras e eventos ao redor estão sincronizados.

Se você fala muito consigo mesmo, provavelmente está recebendo orientação divina sem nem mesmo saber. A maioria das pessoas que são criativas também são Eḽẹgbẹ. Quando ideias e habilidades criativas fluem livremente em sua mente.

Sua vibração é mais alta e você está mais conectado ao seu Eḽẹgbẹ, seu reino de alma. A maioria das pessoas que se enquadram nessa categoria podem ser solitárias. Elas sabem intuitivamente que nessa solidão, podem se conectar com o divino.

Alto nível de sincronicidade valida uma conexão (ELEBUIBON, 2019, p. 13).[6]

Como a pessoa vive toda a vida aqui na Terra e nunca ouviu falar deles em suas e outras religiões diferentes da Religião Tradicional Yorùbá? As comunidades de pessoas que deixamos no Òrun (aquilo que é oposto a essa vida aqui e agora, em algum lugar do planeta Terra) podem ser desconhecidas, estão geográfica e temporalmente distantes, e ainda assim, afetam imensamente as nossas temporárias existências.

Pode até acontecer de sumirem objetos na casa, e até dinheiro, como uma forma de pessoas do Egbé Òrun mostrarem que querem comunicação e atenção. São as consultas oraculares com um sacerdote da Religião Tradicional Yorùbá bem capazes de revelar as queixas saudosas das Comunidades do Céu, a Egbé Òrun de cada um de nós. Além do modo mais apropriado e lugar em que podem ser cultuados.

Apontada a solução ou soluções na consulta oracular, o prosseguimento é fazer as oferendas prescritas e até respeitar os tabus relacionados a cada comunidade celestial. E seguir lembrando, afetuosamente, da existência de uma família no plano espiritual.

Então eu tenho um Egbé Òrun? Eles esperam o meu retorno e sentem a minha falta? Sigo vivendo a realidade desta vida e com consciência que existe vida após essa vida e haverá um reencontro com a família eterna do Egbé Òrun. Quanto mais ampla e cultivada com docinhos e preces foi essa reaproximação existirá menos sofrimentos, dificuldades e tristezas que eles trarão em seu caminho. Você pode argumentar que só soube agora que existem.

Uma vez que passamos e tocamos os galhos da Àrvore do Esquecimento e já qualquer lembrança do que viemos fazer na experiência terrena ou quem deixamos lá na Comunidade Celestial foi apagada até o regresso ao Egbé Òrun. A consulta oracular, os 256 odus de Ifá, são fontes de conhecimento sobre a escolha de vida na Terra, decifram sonhos e nos deixam impactados e confusos por estarmos sonhando e falando com familiaridade com desconhecidos.

Existem diversos Egbé Òrun, diversas classes de Egbé Òrun:

Èyí ni díẹ̀ lára àwọ̀n ẹgbẹ̀



Òrun tó rọ wá sáyé, tí wọn sì ni olùsìn

Tradução: esses são os nomes dos diversos Egbé Òrun.

ELÉÉKÒ: Egbé relacionada às águas do rio, sendo nas águas do rio o melhor lugar para fazer oferendas.

Eles são descritos como uma classe observadora e vigilante de Egbẹ. Por isso eles dizem gúdúgúdú abiojú l'ẹgbẹ alárànbà àkùkọ, um grande olho, olhando de lado, na lateral e um galo bem colorido. Cautelosos e conhecidos por negociar em couros, cujo mercado eles tendem a monopolizar. Eles podem fazer qualquer coisa para cuidar de seus próprios semelhantes, mesmo que precisem tirar de outras pessoas para satisfazê-los. Eles têm a reputação de serem poderosos e laboriosos, mas furtivos como uma cobra com caráter imprevisível. Egbẹ Eleriko é descrito por um Oriki como um guerreiro de coração e de maneiras que processa poderosos trajes de guerra. Pode sumir com coisas, aterrorizando as crianças e age como disciplinador de uma criança que está agindo tolamente. (ELEBUIBON, 2019, p. 19).[7]

ÌYÁLÓDÈ: É uma classe de Egbé Òrun bastante conhecida. Oferendas são oferecidas perto de bananeiras, Egbé muito relacionado com o feminino:

Egbẹ Iyalode é descrita por Oriki como maternal, real, temida e muito respeitada. Aquela que Olodumare concedeu com o trabalho da maternidade. Ela prioriza o cuidado das crianças acima de outras coisas e não delega essa responsabilidade a ninguém. Enquanto outras mães se envolvem no comércio de mercadorias, ela prefere se aventurar no comércio da maternidade. Iyalode se move rapidamente como um riacho. Em casa, ela é dita para sentar e agir como um rei e, portanto, tratada como um rei. Ela é gentil e altruísta. Embora sua raiva quando injustiçada, é comparada à da ira de Esu. Daí o ditado que, Ìyáládè ò se ni, Èsù ò seni, se Iyalode não aflige, Esu não aflige. Ela é elegante em se vestir e descrita como alguém que usa roupas coloridas em camadas como as de um baile de máscaras. A besta que reside dentro da grama lança, divindade poderosa que assusta os caçadores. Tudo isso mostra a extensão do poder e influência de Iyalode. Pela interpretação literal do nome Iyalode, pode parecer ser dominado por mulheres, mas é para homens e mulheres.

O espírito de Iyalode perturbará qualquer indivíduo que ela escolher para ser seu guardião até que a pessoa obedeça. Portanto, algumas pessoas podem experimentar algum torpedo até que se dediquem a Egbẹ Iyalode. É conhecida por adorar dançar tambor falante. Portanto, ela é chamada de ore oni dundun, a amiga do baterista.

Iyalode também foi descrita como uma fi èrín ko oníjà lójú, a pessoa que encontra uma pessoa enfurecida com risadas, isso mostra sua confiança em



seu poder de vencer uma luta ou o uso de seu carismático para apaziguar brigas.

Dizem que a cidade de Oro é o lar de Iyalode. Ìyalóde ará òde òró, Ìyalóde ará òde ìpo. A cidade de ìpo também está ligado a Iyalode. Um devoto famoso que compartilha igualmente como Olodumare (ELEBUIBON 2019, p. 18).[8]

Já a classe de **Ẹgbẹ Kórì kótó** é relacionada com a infância e as famílias iorubás costumam pedir proteção para seus filhos e filhas para esta comunidade do céu, descrita como o **Òrìsà Èwé**. “Ele representa o espírito guardião das crianças que supervisiona o bem-estar das crianças. Pessoas que estão procurando a bênção de uma criança podem apelar para **Ẹgbẹ Kori**”. (ELEBUIBON, 2019, p. 20). Kori é Orixá, um guardião das crianças, festejado nos festivais e recebe oferendas para proteger as filhas e filhos do Povo Yorùbá.

Ẹgbẹ Ìyalájé é uma classe de Egbé, uma comunidade relacionada com a Orixá Ajé, a divindade da prosperidade, a Orixá funfun (veste branco). A comunidade reúne as pessoas bem “empreendedoras e trabalhadoras”. Mulheres de mercado e indústrias comerciais. Elas são supostamente ricas e influentes, é por isso que as chamam de Iyalaje. Elas são emocionais, agradáveis aos olhos, mas são ágeis e poderosas” (ELEBUIBON, 2019, p. 20).

BAÁLẸ: É uma classe de Egbé (Comunidade Espiritual) simbolizada por uma pequena vila em que vivem pessoas que apreciam muito as comidas.

Eles não são necessariamente as pessoas mais limpas que existem. Eles são ditos herbalistas e lidam com ervas curativas. Um filantropo, que atende às necessidades de outro chefe de família. Como um Baale, em última análise, eles serão bem respeitados e agirão com autoridade máxima. Eles serão responsáveis pelo bem-estar de muitas pessoas e as pessoas como tal, podem depender de sua força, sabedoria e experiências (ELEBUIBON, 2019, p. 19).

JAGUN: Relacionada aos caçadores

Ẹgbẹ Jagun

Esta classe de **Ẹgbẹ** é muito respeitada. Eles são guerreiros, ricos. Eles são bem organizados e não gostam de sujeira. Um guerreiro que possui um charme poderoso e adora se entregar ao álcool. Como um adorador de Ogun, ele despreza pessoas preguiçosas e aproveitadoras. Este **Ẹgbẹ** não conseguia entender o motivo da fraqueza, porque como um guerreiro, eles estão sempre prontos para a ação. Na verdade, de Oriki de Jagun, foi dito que um de seus trajes de guerra estava implorando para ser usado do lado de fora. Eles não gostam de ociosidade (ELEBUIBON, 2019, p. 20).



Ẹgbẹ Olúmóhùn é uma classe de Ẹgbẹ conhecida como Egbé do Céu e descrita como bastante trabalhadora e gentil. Usam roupas e possuem modos bem extravagantes. As mulheres são relacionadas aos negócios. “Dizem que são reservadas. Eles não revelam o segredo de outras pessoas também. Uma conversadora gentil, que sempre toma cuidado com o que diz. Ela detesta fofocas e é cuidadosa em confiar a outros segredos” (ELEBUIBON, 2019, p. 20).

GBÓGERÓ é a classe de Egbé dedicada aos caçadores e conhecida também como Ẹgbẹ Olúgbógerò e é representada como pássaro da água.

Uma divindade importante cuja ausência é muito sentida. Uma divindade que pode infligir ira tanto à mãe quanto à criança. Houve uma relação histórica entre esta classe de Ẹgbẹ e Timi, o rei da terra de Ede. Dizem que é a divindade que Timi sente falta e perguntou ao seu Ifa sobre seu paradeiro (ELEBUIBON, 2024, p.19).

AKÉRÉJQLÁ é outra classe de Egbé relacionada com crianças.

OLÓWÓ-ARÓ é a classe de Egbé das roupas coloridas.

Ẹgbẹ Adéta é uma classe de Egbé composta de espíritos muito livres. “Eles escolheram seu relacionamento com base em necessidades momentâneas. Eles são bondosos, pois fazem boa vontade em segredo, sem a esperança de receber nada em troca. Eles não fazem coisas para autogratificação” (ELEBUIBON, 2019, p.19).

São muitas e diversas as classes de Egbé Òrun. O que o Povo Yorùbá pode nos ensinar é a lição salutar de não esquecer jamais das nossas Comunidades Espirituais, existem saudades mútuas que podem ser amenizadas com oferendas e orações. Não importa se as pessoas não valorizam os seus esforços na Terra. Em alguns casos é recomendada a iniciação. É importante levar as oferendas aos lugares reconhecidos como representativos de cada classe de Egbé aqui na Terra. Respeitar os tabus de cada classe de Egbé Òrun é muito relevante.

O apoio da Comunidade Espiritual de pertencimento é o fato mais proeminente e esse laço não pode ser esquecido. Existem sacerdotes do Orixá Egbé que congregam os esforços espirituais na Terra em prol dos diversos Egbé Òrun. Acontecem Festivais para Egbé nas diversas cidades em que vivem os iorubás.

Bibliografia

ELEBUIBON, Ifayemisi. **Egbé Òrun – Comrades of Heaven**. Brainfolk African LLC Editora, 2019.

Ogunnaike, Oludamini. **Sufism and Ifa: Ways of Knowing in Two West African Intellectual Traditions**. Doctoral dissertation, Harvard University, Graduate School of Arts & Sciences, 2015, p.260. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:23845406>. Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

VERGER, Pierre. **A sociedade de Egbé Òrun dos abíkú, as crianças nascem para morrer várias vezes**. Revista Afro-ásia, 14, Ufba.



[1] Pesquisadora Colaboradora no Labjor-Unicamp (2023 e 2024), Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Yeye do Templo de Obàtálá de Ilé Ifé, membro da casa do Atori de Obátála e Yemòó.

[2] Professor Especialista Visitante no IEL/Unicamp entre agosto e dezembro de 2024, lecionou a Disciplina Tópicos de Linguística V – HL094, Obà do templo de Obàtálá de Ilé Ifé, membro da casa do Atori de Obátála e Yemòó.

[3] Tradução nossa.

[4] Tradução nossa.

[5] Tradução nossa.

[6] Tradução nossa.

[7] Tradução nossa.

[8] Tradução nossa.